

## DISCURSO PROFERIDO EM LISBOA

Caros Amigos,

Há 84 anos PORTUGAL, decidia alterar o rumo até aí desastroso, e impor uma nova ordem, cujos princípios e finalidade eram o respeito pela vida humana e a organização da sociedade sob o ponto de vista global, que determinasse o desenvolvimento homogéneo, cujos pilares viriam a assentar por ordem de prioridade, em quatro fases essenciais: o financeiro, o económico, o social e o político.

Hoje, confrontados com problemas idênticos, a crise é bem maior. Aos problemas de ordem material, pela imposição de uma cultura do pensamento desde 25 de Abril de 1974, o viver português foi-se degradando também ... moral e espiritualmente.

Os políticos que assumiram o leme da Nação, desde 1974, têm tido a preocupação – e conseguiram – de educar o povo, fazendo-o, seguindo um determinado ideal. E o povo, inocente, escolheu o critério do facilitismo, das liberdades, da imoralidade.

A maioria desses homens políticos mesmo especializados em certos sectores da cultura – alguns – são de uma ignorância completa no que respeita à evolução geral da vida e do mundo. São insensíveis ao sofrimento alheio, movendo-se quase todos numa espiral cujo propósito é o benefício individual.

Esses homens mutilaram todo um povo que na sua inocência foi caindo de esperança em esperança até à falência completa, originando a maior crise que revela a maior pobreza de espírito humano.

Por tudo isto – e mais haveria a dizer – é urgente que nos organizemos!

Se estamos aqui, é porque não estamos de acordo com o ar que se respira. Nós somos portugueses, e cada vez mais nos sentimos estrangeiros em nossa casa. Foram-nos tirando tudo: os meios de produção, a força de produção, a crença, tudo com que nos identificávamos; não podemos consentir que existam portugueses que queiram trabalhar, e sejam preteridos por mão-de-obra importada. Temos que dizer basta. Temos que nos reencontrar com a nossa História; temos que impor os nossos valores tradicionais.

Não está nos nossos horizontes a via da violência. Entendemos também que não é no confronto gratuito que reside a nossa vitória. Aos vícios da democracia, queremos impor a disciplina da verdade. Direcionamos o nosso discurso para a sociedade em geral, com particular atenção para a juventude, apontando-lhes não apenas os erros cometidos, mas principalmente as soluções.

Aos mais velhos, cabe a cada um, lutar com o seu exemplo, que deve traduzir-se numa intervenção contínua, mas oportuna, e no respeito pelo próximo, para que a grande Instituição que é Portugal possa tranquilamente beneficiar das mudanças que sabemos tão urgentes quanto necessárias.

Temos que lutar contra o pluralismo. Teoricamente enriquecedor pela diversidade, mostra-se incapaz de unir decisões. Na prática, resulta num amontoado de partes. A solução, entendemos ser o caminho do igualitarismo, que transforma esse amontoado, num todo, lógico e natural.

Esta ditadura do pensamento, não é combatível com armas. Portugal não tem tradição de revoluções sangrentas. O Mundo está diferente; a Europa não o permitiria. Por outro lado, quem eventualmente poderia desencadear alguma acção, está instalado e a viver do sistema ... ou prisioneiro dele.

Já em 1974, aquando do golpe de Abril consentido por Marcelo Caetano, a Espanha ponderou invadir Portugal e repor a situação. Não o fez! Não foi autorizada a fazê-lo. Outros interesses apoiavam a transferência de poderes que ingenuamente alguns, por traição outros, colaboravam com a entrega de parte do território nacional.

Perdem tempo, os que julgam possível ganhar pelas armas. Perderam-se os ideais. A enorme dispersão de interesses, desfez a noção do interesse comum; a doutrina socialista provocou a apatia na maioria de nós; tornou-nos indiferentes ao nosso futuro; voluntariamente abnegámos, e hoje somos um fraco vestígio dos nossos antepassados. O pouco que resta deles!

Vivemos num mundo mascarado de mentiras, onde sobressai a demagogia dos políticos, tanto à esquerda como à direita. E de nenhum desses lados políticos virão quaisquer remédios ou soluções.

Adulteraram o conhecimento. Ao pensamento nacional foi acrescida a falsificação da verdade. E tudo em nome de um qualquer progresso. E hoje, lamentavelmente, e sobretudo mercê dessa autêntica falsificação da Historia, tal mentira subsiste e encontra-se solidamente radicada na mentalidade do povo.

Caros amigos, a prioridade é reformar o Estado. E essa reforma tem que ser dentro do próprio Estado, e nunca contra o Estado, mas para isso é necessário que exista a doutrinação que interessa ao cidadão e nunca contra o cidadão. Práticas que mantenham e façam crescer as expectativas e construam o cidadão desde o seu íntimo.

Os ciclos iniciam-se e findam, ao mesmo tempo que os processos doutrinários se elevam pela moral ou se destroem pela multiplicidade de aparentes progressos, cujo auge é a dissolução e a fragmentação do NADA criado.

Dito isto, entendemos contraproducente expormo-nos por práticas inconsequentes, que aos olhos do cidadão reflectam atitudes de arruaça, confundindo a nossa acção, com a consequente destruição do espírito que nos move. Temos que nos pautar pela elegância de um discurso claro, construtivo e consensual.

Se queremos revitalizar Portugal, se é nossa intenção refazer Portugal, reencontremo-nos e comecemos por encetar a primeira das lutas connosco próprios, apelando ao portuguesismo de todos os nacionalistas.

Viva o 28 de Maio!

Viva Portugal!

João Gomes  
2010-05-28

## DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO NORTE

Caros Amigos,

Em nome do Movimento "ASSEMBLEIA – Movimento Cívico não Partidário", quero enviar um abraço, a todos os que de forma patriótica, celebram o dia da Revolução Nacional.

Em 28 de Maio de 1926, o povo português decidiu pôr fim à situação de então, colocando nas mãos do exército, a responsabilidade de repor a ordem material, moral e espiritual, valores com que a Nação se identificou desde sempre, e lhe haviam de dar a projecção inabalável, verificável no período do Estado Novo, que sabiamente SALAZAR, impôs e se submeteu, pela Constituição de 1933 e pelo Acto Colonial.

Foi um período de crescente desenvolvimento, colocando o Homem no centro dos interesses, constituído em Instituições Corporativas, cujo fim eram o bem-comum.

Estava aprovada a filosofia político-económica, em que o Homem com os seus interesses diversos, abandonava a política avulsa para desenvolver um sistema de organização social, assente em "factos jurídicos", em cuja pirâmide se encontrava a Nação.

Os interesses pessoais detinham o maior interesse na medida em que se cruzavam e criavam a mais valia do conjunto.

Hoje, Portugal encontra-se numa crise bem superior, muito mais difícil de desatar, porque o inimigo armadilhou cada sector; provocou a maior crise de identidade, através de uma política de pensamento único. À geração actual, nada lhe diz o que é o orgulho Pátrio, porque dele nunca ouviram falar nas escolas.

Hoje existe uma cisão entre os valores, a ética, a verdade, o sacrifício e a política nacional. Estamos numa crise social global. Os lares estão destruídos, o Ser Humano desencontrou-se da sua missão.

Caros Amigos, nós somos o último reduto moral da Nação. Temos que dar luta sem tréguas a esta ideia peregrina de que a nossa Pátria é a Europa.

Temos que nos corporativizar em todos os locais em que alguns de nós detêm algum poder de decisão. Sem violência, mas temos que ser implacáveis.

É o momento de olharmos a Bandeira e colocá-la no centro de todos os interesses.

É chegado o momento de resgatar o NOSSO NACIONALISMO.

Este estado doentio que se vive é de entrega consentida das nossas instituições ao desmando de uma quadrilha disfarçada de homens de Estado.

Para nós Patriotas, só pode haver um interesse: PORTUGAL!

Que Deus provoque em nós a capacidade de lidar com a situação, e dela retiremos a sabedoria para restaurarmos a Alma Nacional.

Viva PORTUGAL!

João Gomes

28 MAIO 2010